

Jose Sarney

# Sarney: radicalismo prejudica distensão

# Passarinho: não há tirania na Revolução

8-3-75

A tentativa de se transformar o Congresso num tribunal de exceção contra a Revolução e contra a conduta das Forças Armadas não será tolerada nem pela Arena, nem, certamente, pelo próprio MDB, e nem por quantos confiêm na palavra e na ação do Presidente Geisel, afirmou, ontem, o senador José Sarney, do Plenário.

O parlamentar maranhense observou que "bem pode estar acontecendo que elementos de convicção totalitária estejam incomodados com o rumo do processo político da distensão e procurem turvar as águas para impedir o desenvolvimento do projeto de abertura política preconizado pelo Presidente Geisel em pleno curso".

O vice-Líder Roberto Saturnino, da Minoria, após assinalar que sua sensibilidade captava nas palavras do representante arenista uma advertência contra o MDB, que repelia, garantiu que seu partido é o grupamento político mais interessado, ou tão interessado, quanto o mais, no bom desfecho no processo de distensão proposto e iniciado pelo Presidente Geisel.

Sarney, porém, insistiu que suas palavras não tinham o sentido de advertência e que falava em nome próprio, apesar de representar e liderar uma parcela da classe política. Disse, ainda, que a violência não será tolerada e, se procura conduzir o País para o caminho do Estado de Direito.

Destacando o chamamento do Chefe da Nação, que oferece, ao invés da confrontação a conciliação nacional, o representante da Arena recordou que em 1968, na plena vigência de uma Constituição liberal elaborada sob inspiração do presidente Castello Branco, "a Oposição se sentia em plena ditadura e partiu para um processo de confronto que culminou com o AI-5. Se alguém pode ser culpado pelo retardamento da institucionalização política do País, culpa não cabe somente ao Governo de então, nem ao partido que lhe dava suporte político".

### SINAL DE ALARME

Adiante José Sarney enalteceu pronunciamentos do MDB, especialmente quando o Presidente da Oposição diz acreditar nas intenções e na liderança do Presidente Geisel mas constatou que elementos da agremiação se conjugam para exibir, perante a Nação, uma realidade sinistra em que estaria vivendo o Brasil. "E pretende-se arrastar para o Congresso o Ministro da Justiça, não num processo normal de convocação de um Ministro da Justiça para depor perante o Congresso brasileiro, mas num sistema de inquisição para que este se sinta como um réu diante de um novo processo político."

"Não é ao Presidente Geisel, nem ao seu Governo - em que o deputado Ulisses Guimarães confia - que esses elementos querem trazer de plourinho, aduziu Sarney. É a própria Revolução e, se percebo bem, são as próprias Forças Armadas. E, neste ponto, meus senhores, nós e quantos neste País tiverem um pouco de bom senso, temos a obrigação de fazer soar o sinal de alarme."

### DESPREZO A EXTREMISMOS

Desprezando posições extremistas e radicais, "que vale a

anomalias de todo quadro político," o vice-Líder emedebista Roberto Saturnino dispôs-se a analisar o quadro político nacional em cinco pontos definidores, como resposta à fala do representante arenista.

Após apresentar Delfim Neto, como uma das inteligências "mais fulgurantes deste País, homem íntegro, honesto", Saturnino estabeleceu no cenário brasileiro duas posições a "delfiniana" e a "emedebista", passando a enumerar os pontos definidores.

O primeiro, político por excelência, declara, segundo os "delfinianos" as restrições a liberdade e aos direitos humanos, como um mal necessário, diante do quadro de violência que caracteriza o mundo de hoje. Contra esta posição está a "emedebista" que não considera necessária qualquer restrição às liberdades ou a direitos humanos."

O segundo, diz respeito ao problema da distribuição de riquezas: a posição "delfiniana" diz que a concentração de riquezas nas mãos de uma minoria é inevitável. A posição emedebista não aceita esta argumentação, e quer a distribuição de renda mais justa e não acredita na possibilidade da convivência das liberdades e dos direitos com mecanismos de segurança eficientes que dêem ao Estado, ao Governo a certeza da sua auto-defesa.

### POSIÇÕES SUPERADAS

Tanto o senador José Sarney como o líder Petrônio Portella, da maioria, apartearam o vice-Líder opositorista para assinalar que estava-se fazendo uma "confusão dos princípios da Arena, com aqueles espostados pelo brilhante homem de Estado, hoje servindo ao Brasil na Embaixada de Paris."

Portella, esclarecendo, disse: "O primeiro ponto diz respeito exatamente à distribuição de renda. No 2º PND o Governo deixa bem frisante a linha de ação a ser desenvolvida fixando, sem nem nenhuma crítica ao passado, que, o desenvolvimento socio-político já chegou a uma maturidade que se impõe a correção dos erros do passado, no tocante à distribuição de renda. No setor político o Presidente convoca todas as classes, Oposição e Governo, para a tarefa de dotar o País dos instrumentais que V. Exa. aí bem acentua, como sendo também uma tarefa do seu próprio Partido."

No tocante à coexistência entre a batalha do desenvolvimento com a batalha em favor dos direitos humanos, "não aqueles estritamente políticos auferidos por nós no asfalto, mas aqueles que devem ser usufruídos por todos os brasileiros. No tocante às multinacionais, aduziu o Presidente da Arena, o 2º PND alude de forma magistral ao problema. "Quando do meu discurso, ao início da Legisatura, fixei os pontos de vista que são rigorosamente coincidentes com os que V. Exa. esposou."

"Finalmente, quanto à convocação dos jovens para as lides políticas, devo dizer que, considero fundamental obra do nosso Partido da Revolução, e do Partido de V. Exa. a convocação da juventude, para a tarefa de construção nacional, porque não crie em obra duradoura que não tenha a con-

O senador Jarbas Passarinho refutou ontem afirmações feitas na véspera pelo senador Marcos Freire contra os Governos Revolucionários, acusados de "exaltar a democracia e, no entanto, apunhalá-la a cada dia". Falando em nome da liderança arenista, Passarinho lembrou sua condição de ex-Ministro dos Governos Costa e Silva e Emílio Médici e ofereceu o testemunho dos seus esforços pela restauração da plenitude democrática do País.

O representante da Arena paraense no Senado, exemplificou em sua alocução, uma série de fatos relacionados com o pensamento dos Presidentes da Revolução a propósito da institucionalização brasileira. De Castelo, lembrou a posição de "uma ala de jovens e idealistas militares" que, após as eleições de 1966, queria impedir a posse dos Governadores Negrão de Lima, na Guanabara, e Israel Pinheiro, em Minas Gerais.

O próprio senador, embora discordasse dessa posição, foi o porta-voz do grupo da "Linha dura", junto ao Presidente, dele ouvindo a seguinte resposta: "Governador Passarinho: eu não tenho vocação de tirano. Jamais serei ditador de meu País. Sou pela posse do Dr. Israel e do Dr. Negrão, pela mesma razão porque sou pela posse do seu sucessor no Pará, eleito pela vontade livre de seu povo."

E assinalou: "Lembro do profundo desalento com que, no dia seguinte, li garatujados nas paredes de prédios do Rio de Janeiro, inscrições tais como: "Castelo Branco, macaco ditador". Entrementes, o tiranete do Caribe mandava irradiar, da ilha de Cuba, em nome sabe Deus de que tipo de Liberdade, as mais pesadas ofensas ao Presidente brasileiro, que lutara na Itália contra o nazifacismo".

### COSTA E SILVA

Sobre Costa e Silva, Passarinho disse que, enquanto se afirma que "prega-se a democracia, alardeia-se propósito democrático, mas pratica-se a ditadura", vem-lhe à memória "a sua pregação constante de natureza democrática". Assinalou que, certa feita, respondendo de improviso a um discurso de saudação no dia de seu aniversário, disse "o já alquebrado Marechal":

"Fui ditador 19 dias, repartindo essa terrível responsabilidade, no Supremo Comando Revolucionário, com o Almirante Rademacker e o Brigadeiro Melo. Nunca mais desempenharei esse penoso papel. Ninguém tem o direito de dispor arbitrariamente do destino de um homem."

Em seguida, Jarbas Passarinho historiou a "pertinaz ação do Presidente", após a edição do AI-5, visando a normalização do quadro político. Costa e Silva marcou para o dia 7 de setembro a reabertura do Congresso e a outorgação da Constituição que elaborou com o vice-Presidente, Pedro Aleixo. E, como o então Presidente da Arena e líder do Governo,

Daniel Krieger, estava demissionário em caráter irrevogável, Costa e Silva convocou o senador Passarinho, então Ministro, para essas funções, alegando:

- Preciso de você para ajudar-me a restaurar a dignidade da função política. Para isso preciso de alguém que: 1º) tenha o respaldo de um posto eletivo; 2º) tenha trânsito fácil na área militar; 3º) esteja provado na minha equipe; e 4º) seja leal a mim. Você reúne essas condições.

Após o convite, diz Passarinho: Deixei o Palácio alvoraçado, mas desgraçadamente minha efusão duraria praticamente o efêmero tempo de vida das rosas de Malherbe..."

Veio "o acidente vascular cerebral" que vitimou o Presidente. O senador historiou a sua tentativa final de autografar o texto constitucional. Não o conseguindo, "de suas faces convulsas despencavam-se lágrimas abundantes. Sabe Deus que de angústia e sofrimento, naquela noite no Palácio Laranjeiras, literalmente arrasavam um Presidente que tinha horror de ser ditador e que via fugir, impotente, o seu gesto maior, o da devolução do ordenamento jurídico à Nação que tanto amou".

Em seguida Passarinho discordou da comparação feita por Marcos Freire entre "o espírito de 1937 e o espírito de 69", dizendo concordar, porém, com a afirmação de que "em verdade há salpicos de sangue nos caminhos que trilhamos...". Se houvesse de discordar - prosseguiu - seria para dizer que não são, infelizmente, apenas salpicos que avermelham o chão do Brasil, mas quase pequenos rios de sangue, feitos do sacrifício de muitos brasileiros. "Choro o sangue de centenas de patriotas, alcunhados pejorativamente de "forças de reação"..."

Referindo-se ao conceito de liberdade, Passarinho disse que, para os radicais, a liberdade é uma rua de mão única, que só eles podem percorrer. E asseverou: "Pertencço, com orgulho, a um Partido que tem como seu nune tutelar o inolvidável Milton Campos. Sou membro de uma maioria, neste Senado, onde têm assento velhos combatentes da Liberdade. Toda a minha própria vida eu a dediquei, submetido às peculiaridades da nobre carreira das armas, a fazer-me honrado integrante de um Exército democrático e não partícipe de legiões de janizaros. Servi a três Presidentes, que vieram das casernas; e, do mesmo modo que agora ocorre com o insigne Presidente Geisel, nenhum deles foi menos civilista que o mais civil dos brasileiros".

E concluiu: "a nobre oposição eu direi, finalmente: enquanto alguns, com a visão limitada da planície, nela se posta, corajosos, ardentes e sinceros, a reclamar a liberdade, outros, nas vertentes penosas, cavam, muitas vezes com as mãos sangrando, os escuros túneis que, afinal, conduzem à liberdade".